

## **A UFRB ENTRE A INCLUSÃO E A EXCLUSÃO: A MOBILIDADE INTERNACIONAL EM UMA INSTITUIÇÃO SOCIALMENTE REFERENCIADA**

*Renata Conceição dos Santos*

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia-UFRB  
rsantos4p@gmail.com

*Georgina Gonçalves dos Santos*

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia-UFRB

**Resumo:** O artigo situa-se no âmbito da pesquisa intitulada “Caminhos da internacionalização universitária: o caso da UFRB”, que tem como objetivos compreender o papel da internacionalização em uma instituição circunscrita pelo processo de interiorização do ensino superior. A Universidade Federal do Recôncavo da Bahia se constitui em uma instituição recém-criada que se insere num processo de democratização do ensino superior através da expansão para o interior do Estado com sua estrutura multicampi. Destaca-se ainda, pelo desenvolvimento local e inclusão social, sendo reconhecida como uma instituição socialmente referenciada. O presente texto tem por finalidade discutir os desafios dos programas de mobilidade internacional desenvolvidos pela instituição, a partir da análise dos discentes autodeclarados negros e/ou assistidos por Programas de Permanência Qualificada e que tenham realizado intercâmbio. Utilizando-se da etnografia institucional como referencial teórico-metodológico, trata-se de uma pesquisa qualitativa, construída de forma implicada, cujo método elencado para a investigação é o estudo de caso. Para a produção de dados, deste estudo, foram utilizados a observação participante, diário de campo, análise de relatórios da mobilidade e entrevista semiestruturadas com três discentes participantes da mobilidade internacional. Os resultados apontam para a relevância da inserção de sujeitos historicamente excluídos do ensino superior nas ações de internacionalização, mas reafirmam os desafios institucionais no que diz respeito ao domínio do idioma estrangeiro, preparação ainda no país de origem e auxílio financeiro.

**Palavras-chave:** Internacionalização. Mobilidade. Inclusão.

### **Introdução**

A internacionalização do ensino superior é compreendida como uma prática “ancestral”, que se constituía em uma das bases das universidades europeias medievais. Nelas, mestres e alunos de diferentes países reuniam-se, em busca de um objetivo comum: o

conhecimento (STALLIVIERI, 2001). Ainda que as definições clássicas da universidade europeia sejam importantes para a compreensão do fenômeno, não se pode ignorar a existência de outros centros de conhecimento e formação avançada e, nesse sentido, destacam-se, por exemplo, a Biblioteca de Alexandria que foi fundada no início do século III a.c., considerada como precursora da universidade moderna e a Escola de Nalanda: criada no ano 427. Outro importante centro conhecido é a atualmente denominada Universidade al-Qarawiyyin, criada em Fez, no Marrocos, por uma mulher, Fatima al-Fihri, no ano de 859, instituição responsável pela formação de juristas, escritores, médicos, cartógrafos e matemáticos mais influentes do mundo em sua época.

Vale ressaltar que todas as civilizações avançadas, complexas apresentaram educação superior visando a uma formação militar, política ou religiosa para a elite (PERKIN, 2006), portanto, a instituição universitária é demarcada por este seu caráter elitista. Entretanto, com o passar do tempo, sua organicidade tornou-se alvo de questionamento e quebras de paradigmas. Chauí (2003), afirma que a universidade é uma instituição social sendo, portanto, a expressão da estrutura e o modo de funcionamento da sociedade como um todo. Por esta razão, é uma instituição que reflete o seu tempo.

O movimento de mestres e alunos por diversos países visando uma troca de saberes é um marco dos primeiros centros de ensino do mundo. Tal aspecto foi ampliado com o advento das universidades europeias em decorrência da universalidade de currículo (TRIVIUM e QUADRIVIUM) e do idioma comum, o latim. Eram as chamadas “universitas” que possuíam uma comunidade formada por professores e alunos das mais diversas regiões e países.

No entanto, a crescente importância econômica e política conquistada pelo conhecimento e pela educação superior atuaram como fatores desencadeadores de mudanças significativas sobre a forma pela qual o ensino superior e, conseqüentemente, a internacionalização da educação é pensada e organizada na atualidade. Essa mudança paradigmática da (re)inserção da internacionalização no âmbito da educação superior estabelece forte diálogo com a intensificação da centralidade do conhecimento nos processos de produção, com os reflexos da economia globalizada, com a massificação do ensino superior e mais recentemente, por conta do processo de integração europeia.

Mas afinal, o que é internacionalização universitária? Este conceito tem gerado um profícuo debate junto aos estudiosos desse campo (MIURA, 2006). Assim, a concepção adotada, neste trabalho, compreende a internacionalização como um processo no qual se integra uma dimensão internacional, intercultural ou global nos seus propósitos, funções e oferta de educação pós-secundária nos níveis nacional, setorial e institucional (KNIGHT, 2003). Este conceito reconhece que a internacionalização universitária deve ter uma forte interlocução com os propósitos e funções do ensino superior de cada instituição, ou seja, deve dialogar com as subjetividades que constituem as universidades.

A dimensão internacional envolve elementos como acordos de cooperação internacional, ações de mobilidade (docente e discente), formação sanduíche e em cotutela, diplomas conjuntos, etc. Ainda que a internacionalização não se resuma a mobilidade internacional, é salutar que este elemento é um dos mais “visíveis” no cotidiano institucional, se constituindo, portanto, como matéria-prima desta investigação. Para Miura (2006), a mobilidade acadêmica internacional tem a capacidade de provocar a empatia e curiosidade intelectual, proporcionando aos envolvidos benefícios mútuos, como o desenvolvimento da consciência multicultural que envolve o processo ensino-aprendizagem e o engajamento na construção do conhecimento e de habilidades interculturais (MIURA, 2006).

Compreende-se Mobilidade Acadêmica Internacional como o processo pelo qual o estudante desenvolve atividades em instituição de ensino estrangeira, mantendo o vínculo de matrícula com a instituição de origem, devendo retornar à instituição de origem para conclusão de seus estudos. São consideradas como atividades de mobilidade internacional aquelas de natureza acadêmica, científica, artística e/ou cultural, como cursos, estágios e pesquisas orientadas que visem à complementação e o aprimoramento da formação estudantil. No caso da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB, a mobilidade, em especial a estudantil, se apresenta como elemento mais evidente do fazer internacionalização, tendo sido impulsionada, mais recentemente, por conta de programas governamentais como o Ciência sem Fronteiras<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup>Programa do Governo Federal, fruto de esforço conjunto dos Ministérios da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) e do Ministério da Educação (MEC), por meio de suas respectivas instituições de fomento (CNPq e CAPES) e Secretarias de Ensino Superior do MEC. Foi criado em 2011 e previa a utilização de até 101 mil bolsas em quatro anos para promover intercâmbio, para alunos de graduação e pós-graduação nas áreas de tecnologia e inovação.

A saída de discentes para um período de estudos em uma universidade estrangeira recebe o nome de Mobilidade *out* ou Mobilidade Externa, já o processo de recepção de estudantes estrangeiros nas instituições via acordo de cooperação ou de livre iniciativa é conhecido como Mobilidade *in* ou Mobilidade Interna. Vale salientar, que o foco da presente investigação centra-se na análise da mobilidade internacional externa no âmbito da graduação. Buscando analisar as vivências dos discentes autodeclarados negros e/ou assistidos pelos Programas de Permanência Qualificada<sup>2</sup> a fim de analisar os reflexos desse saber transnacional na vivência acadêmica desses indivíduos.

Desse modo, o presente estudo versa sobre mobilidade internacional no ensino superior brasileiro, refletindo acerca de processos de inclusão e exclusão no atual sistema universitário no país. Esta investigação situa-se no âmbito da pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-Graduação sobre Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade – EISU, no qual desenvolvo um trabalho intitulado “Caminhos da Internacionalização: o caso da UFRB”, que aborda a dimensão internacional em uma instituição recém-criada, no interior da Bahia, cuja função social dialoga com o processo de interiorização do ensino e inclusão social.

Trata-se de um estudo implicado, pois se correlaciona, diretamente, com minha prática enquanto servidora administrativa da UFRB, lotada na Superintendência de Assuntos Internacionais – SUPAI. Assim, a necessidade em desenvolver esta investigação, origina-se das percepções, inquietações e questões que surgem nesse cotidiano institucional. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, cujo método elencado para a investigação foi o estudo de caso, utilizando como referencial teórico-metodológico, a etnografia institucional (EI), abordagem qualitativa que procura compreender e interpretar os significados atribuídos pelos próprios sujeitos ao contexto em estudo. Para a produção de dados, deste estudo, foram utilizados a observação participante, diário de campo, análise de relatórios da mobilidade.

O texto se organiza da seguinte maneira: na próxima seção, discute-se o desenvolvimento da mobilidade internacional na UFRB, refletindo acerca do panorama deste elemento em uma instituição que se intitula socialmente referenciada. Na seção “O que dizem os estudantes sobre a

---

<sup>2</sup>O Programa de Permanência Qualificada (PPQ) é uma das ações constituintes do conjunto de políticas que têm o propósito de articular, formular e implementar políticas e práticas de democratização relativas ao ingresso, permanência e pós-permanência estudantil no ensino superior.

experiência internacional”, são apresentadas as narrativas de discentes participantes desta prática, a partir do recorte racial e social, abordando os desafios pessoais e institucionais que este público vivenciou no intercâmbio. Por fim, seguem as Considerações Finais.

### **Viajar é preciso: a mobilidade internacional em uma instituição socialmente referenciada**

No caso brasileiro, desde o período colonial, as temporadas de estudo no exterior marcam as trajetórias da elite brasileira e, diferentemente do que ocorria em outros países da América Latina, nesse período, Portugal limitou o ensino superior do Brasil às universidades europeias, em especial a de Coimbra e a de Évora. Vale assinalar que, nessa época, houve inúmeras tentativas frustradas de iniciar curso superior nos colégios jesuítas. Nesse contexto, é importante pontuar o quanto essa situação era propícia para a manutenção da dominação da colônia, uma vez que assegurava a formação da elite nos moldes mais convenientes para o colonizador (AMORIM, 2012).

Nos últimos anos tem-se visto com grande relevância a atuação das políticas públicas em matéria de ensino superior, principalmente no que diz respeito ao compromisso social da universidade com a sociedade. Diante disso, percebe-se que o compromisso social da universidade contemporânea é permitir uma aproximação entre a comunidade e produzir um vínculo de interação a fim de se buscar uma qualidade de trabalho acadêmico pautado no ensino-serviço.

A oferta do ensino superior na Bahia sempre esteve aquém das necessidades da região, seu contexto político, nas décadas de 1980 e 1990, sob a égide do ideário neoliberal, ocasionava uma diminuição nos investimentos no ensino público superior, fortalecendo as atividades no setor privado. Esse quadro passa a ser alterado a partir de 2003, com o Governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, no qual o Ministério da Educação anunciou o Plano de Expansão e Interiorização do Ensino Público Superior. Esse momento representou uma importante oportunidade para a comunidade do interior baiano, com a implantação da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB, contemplando as mais diversas áreas de conhecimento e com a capacidade de ofertar a população da região, uma verdadeira inserção no universo do

conhecimento e, conseqüentemente, ampliando a possibilidade de inserção profissional (UFRB, 2010).

A UFRB é uma antiga reivindicação da população da região (BRITO, 2015), tendo sido criada em 2005, através da Lei 11.151. Com sede em Cruz das Almas e campi em cinco municípios do Recôncavo: Amargosa, Santo Antônio de Jesus, Cachoeira, Feira de Santana e Santo Amaro, a UFRB consolida-se como uma instituição multicampi que visa atender os interesses da população do interior do estado baiano. Apresenta, portanto, uma série de desafios em seu processo de expansão, no que se refere a infraestrutura física, operacionalização de currículos, política de assistência estudantil, etc. Vale destacar o seu pioneirismo como primeira universidade a criar uma pró-reitoria de ações afirmativas e, ainda, a primeira a adotar integralmente a Lei de cotas no ano de 2012. Atualmente, conta com 83,4% de estudantes autodeclarados negros e 82% oriundos de famílias com renda total de até um salário mínimo e meio.

O primeiro programa de mobilidade internacional externa para a graduação da UFRB foi estabelecido em 2009, conhecido como Edital-Convênio, inclui a possibilidade de intercâmbio para duas instituições conveniadas a universidade, uma na Europa, Instituto Politécnico de Bragança (IPB), em Portugal, e outro no México, na Universidade Autônoma de Chapingo (UACH). No ano de 2012, a Universidade de Bayreuth na Alemanha foi inserida no programa, cujos acordos de cooperação estabelecem que cada instituição, através de processo seletivo próprio, enviam até três estudantes anualmente. Através dessa parceria, é assegurado que a instituição receptora garanta auxílio moradia e alimentação a estes discentes. Já os custos com passagens aéreas, passaporte, visto, seguro internacional de saúde e quaisquer outras despesas são de inteira responsabilidade dos estudantes selecionados. Na UFRB, o edital interno é lançado anualmente pela SUPAI no início do ano, com previsão do início das atividades no segundo semestre da instituição receptora.

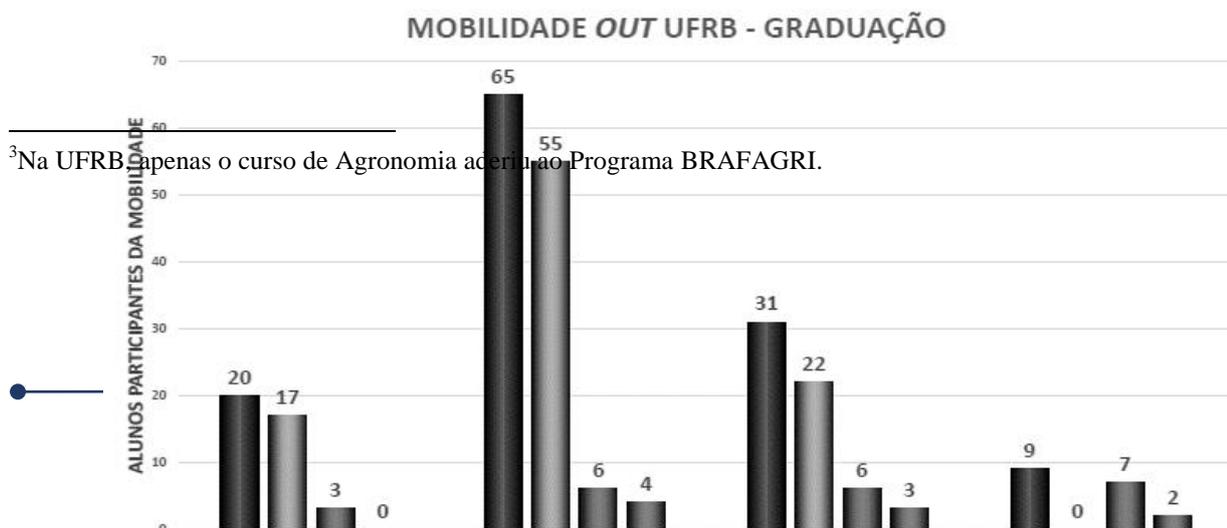
Outros programas de mobilidade internacional que merecem destaque na instituição, são: o Programa Ciência sem Fronteiras que foi o principal responsável pelo aumento da participação de discentes da graduação no intercâmbio. Destaca-se, ainda, a partir de 2013, o Programa

BRAFAGRI<sup>3</sup>, realizado em parceria com a CAPES, cujo objetivo é a promoção de intercâmbio de estudantes, em todas as especialidades das ciências e engenharias agrônômicas e agroalimentares e da veterinária. Estudantes brasileiros podem cursar até um ano de sua graduação na França e estudantes franceses podem estudar no Brasil pelo mesmo período.

A UFRB enviava poucos estudantes por ano através do seu Edital Convênio-Interno, sem auxílio financeiro, assegurando apenas a alimentação e moradia na instituição de destino, portanto, o Programa Ciência sem Fronteiras se constituiu em um importante catalisador da mobilidade internacional da graduação na instituição. A adesão ao programa propiciou um aumento significativo do número de discentes que passaram a vivenciar o intercâmbio, tal fato trouxe importantes desafios institucionais, ao mesmo tempo que consolidou a internacionalização universitária, em especial a mobilidade internacional, na agenda das discussões no âmbito da gestão da UFRB.

Entretanto, como demonstrado no gráfico abaixo, a realidade da mobilidade internacional é algo que engloba poucos estudantes da instituição, pois se levarmos em consideração que atualmente a UFRB conta com um quantitativo de aproximadamente 12.000 (doze) mil discentes, os números dessa modalidade são bem modestos. Assim, de 2009 até 2011, apenas dois estudantes por ano participavam da mobilidade externa, com a adesão ao Ciência sem Fronteiras, o número evoluiu para vinte (20) estudantes; em 2013, integrando o BRAFAGRI, foram enviados sessenta e cinco (65) estudantes; em 2014, totalizam trinta e um (31) o número de intercambistas; em 2015, dezenove (19) foram contemplados nessa mobilidade. No ano de 2016, em virtude da extinção do Programa Ciência sem Fronteiras, foram enviados nove (09) estudantes para mobilidade acadêmica internacional. Portanto, Cerca de 1,38% dos estudantes da instituição realizaram intercâmbio.

**Figura 1: Discentes da UFRB participantes da mobilidade externa**

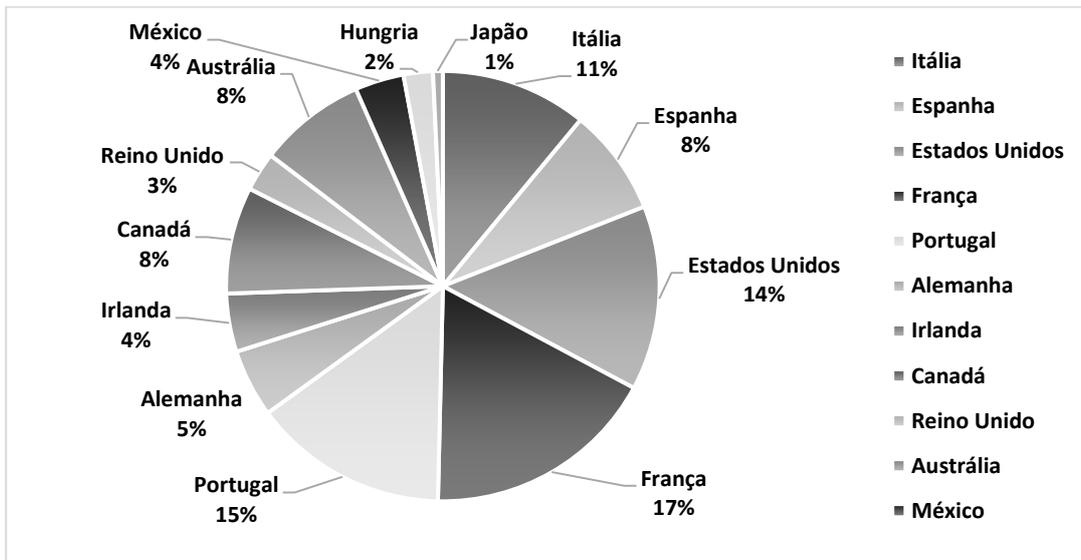


**Fonte: a autora**

Vale salientar que 2013 apresentou um alto índice de estudantes participando do Ciência sem Fronteiras, em decorrência da atipicidade do edital daquele ano que durante o processo seletivo e homologação do resultado, o MEC, CAPES e CNPq extinguiram as universidades portuguesas da lista do programa, objetivando estimular a aprendizagem de outros idiomas aos estudantes. Por este motivo, os pré-selecionados para Portugal, puderam reoptar sua graduação sanduíche para outro país com direito a realização de cursos de idiomas por até seis meses nos países receptores. Tal medida, fomentou a ida de vários discentes da UFRB que em sua maioria apresentaram um bom desempenho e deram continuidade as atividades de intercâmbio nesse período.

Contribuem para uma baixa participação na mobilidade internacional aspectos como: pouco domínio de idiomas estrangeiros por parte da comunidade acadêmica; ausência de incentivo financeiro como contrapartida da instituição e dificuldades institucionais relacionadas ao baixo aproveitamento dos componentes cursados no exterior. A adesão da UFRB aos programas governamentais foi responsável pela expansão a mobilidade externa na instituição, fazendo com que os estudantes, nestes últimos anos pudessem acessar universidades de diversos países como Alemanha, Itália, Irlanda, Estados Unidos, Japão, Espanha, França etc, conforme gráfico abaixo:

**Figura 2: Mobilidade internacional dos Estudantes da graduação UFRB por país 2009-2016**



Fonte: a autora

Os centros que mais enviaram discentes foram o CCAAB e o CETEC, estes se situam na unidade sede em Cruz das Almas. Já no que se refere ao perfil do estudante, de acordo com os dados fornecidos pela PROPAAE, a partir de 2013, sabemos que, aproximadamente, do total de participantes da mobilidade internacional, 57 (cinquenta e sete) discentes eram assistidos por esta pró-reitoria em modalidades de bolsa como auxílio alimentação, auxílio pecuniário e moradia, auxílio vinculado a participação de projetos. Sendo que o pagamento desses valores foi mantido durante a realização do intercâmbio.

Analisar porque internacionalizar é um elemento institucional relevante para a UFRB, que ainda enfrenta desafios no seu processo de expansão, no que se refere à infraestrutura, currículos, assistência estudantil, etc, possibilita trazer à tona o papel da dimensão internacional para o processo de formação dos indivíduos para a sociedade contemporânea. Nesse sentido, as experiências transnacionais, mais do que uma resposta à globalização, apresentariam uma resposta à sociedade, principalmente numa instituição que tem como lema o desenvolvimento regional do Recôncavo baiano.

### O que dizem os estudantes sobre a experiência internacional

Em um contexto no qual enfoca o papel da universidade e sua correlação com o social, é relevante analisar as percepções de estudantes autodeclarados negros da UFRB e/ou assistidos por programas de permanência, que vivenciaram a mobilidade internacional, observando o reflexo dessa experiência para estes sujeitos, bem como as fragilidades institucionais que permearam o processo. Para a produção de dados, foram utilizadas entrevistas semiestruturadas, diário de campo e observação participante, elementos constituintes da etnografia institucional.

Após análises dos relatórios do setor, foi encaminhado e-mail para estudantes com o perfil atinente a este estudo, para uma posterior entrevista, assim, se voluntariaram três estudantes assistidos pelo programa de permanência da instituição para o presente estudo: um discente do curso de Psicologia, que participou da mobilidade para a Universidade Autônoma de Chapingo, no México, em 2013, através do edital interno da SUPAI, que será denominado de México. Outro sujeito corresponde a uma discente que cursava, o Bacharelado Interdisciplinar em Saúde (BIS), também participante do Programa Ciências sem Fronteiras no mesmo ano, chamada aqui de Itália. Por fim, mais um discente denominado de Canadá, participante do Ciência sem Fronteiras nos Estados Unidos em 2014.

O estudante Canadá ao falar de sua experiência retrata os significados de acessar espaços internacionais acadêmicos para ampliação do conhecimento, segundo ele, viajar é preciso, pois:

[...] a coisa mais importante que as pessoas aprendem é que é possível viajar, porque muita gente fica nesse estigma de que não pode, de que não é possível, de que não tem condições ou porque é um choque de cultura muito grande, além do que você incentiva a comunidade acadêmica de ambos os lados a pesquisar mais pra poder se internacionalizar [...] alunos e professores irem e alunos e professores voltarem enriquece todo o aparato da universidade (Canadá).

No entanto, a mobilidade internacional não parece algo acessível para todos, como demonstra o estudante México, o intercâmbio se constituía em algo quase que inatingível e distanciado do seu cotidiano:

Moro na favela! Em uma das milhares das favelas de Salvador. E isso [fazer intercâmbio] não passava pela minha cabeça e quando começou a passar pela minha cabeça essa ideia de fazer intercâmbio ou de fazer uma viagem internacional era muito permeada por essa questão de ascensão social. Então, isso era muito voltado para esse lado, digamos, do sonho (México).

A partir dessa vivência, outrora impensável, houve uma ressignificação do seu processo identitário, da sua formação, nos aspectos subjetivos e sociais. A mobilidade representou nesse caso um instrumento para alcance da autonomia pessoal e social do indivíduo, no qual foi possível transformar as subjetividades subalternizadas.

Então, eu tinha um sonho de viajar, eu tinha um sonho de fazer intercâmbio. E dentro da UFRB, isso se concretizou de outra forma. Então, a partir desse processo do intercâmbio, eu pude ter uma nova visão sobre a vida, sobre mim mesmo e sobre a minha classe social e quais oportunidades isso me daria.

E a minha forma de me ver no mundo, acho que mudou bastante. A partir do momento em que eu estava em outro lugar, em outro país e com outras referências. Então é engraçado porque você precisa sair de onde você tá e analisar isso de cima ou de uma visão mais distanciada e pra promover essas mudanças. Então assim, se eu fosse pra outra universidade, pra outro país, com certeza, eu não teria tido esses pensamentos e não teria tido esse momento de reflexão sobre a minha vida dessa forma que eu tenho agora.

Então, a gente tava falando mais cedo das mudanças que isso me provocou. Então, são muitas. Desde o reconhecimento e o pertencimento à minha etnia, à minha cor e a questão social e como eu me encaro dentro de uma sociedade de classe que é o Brasil e como eu era visto no México.

Ressaltar os impactos subjetivos que compõe o processo é de extrema relevância, uma vez que a mobilidade internacional pode ser idealizada como algo que trará resultados imediatos para a sua vida. As transformações, no entanto, nem sempre são instantâneas, tampouco possuem um retorno rápido. É preciso ter em mente que o intercâmbio faz parte do processo formativo e não pode ser considerado como único protagonista do (in)sucesso acadêmico dos sujeitos, outros elementos influenciam nesse percurso.

No relato abaixo ficam evidentes as contradições naturais que permeiam o fenômeno em que crescimento pessoal e entraves burocráticos passam a delinear a percepção acerca dos

impactos da mobilidade para vida acadêmica. Nesse sentido, a estudante Itália se refere as dificuldades enfrentadas para o reconhecimento de estudos cursados na instituição estrangeira:

Até então, eu não consegui visualizar profissionalmente, esse... esse...Porqueassim, as pessoas diziam que ia ser muito bom, que eu ia e que meu currículo ia ser diferente, mas até o momento eu não vi nada, eu só tive problemas depois que eu fui pra esse intercâmbio. Obviamente, eu cresci pessoalmente. Assim, eu tive um avanço, porque eu comecei a lutar mais pelas minhas coisas. Por conta desse “intercâmbio”, né? Porque talvez se as pessoas dissessem: Olha, você não vai conseguir isso. Eu simplesmente deixava pra lá, mas depois que eu vi que eu fui pra esse intercâmbio e que eu fui selecionada entre milhões de pessoas e eu consegui isso, então, eu posso tudo na minha vida (Itália)

No caso da estudante em questão, muitas dificuldades, durante e após o intercâmbio, fizeram com que essa experiência assumisse um outro contorno. Em vários momentos, problemas de adaptação e saudade da família e do filho a fizeram repensar sua permanência em outro país. Fora do espaço universitário, foi alvo de ofensas racistas com publicações discriminatórias em uma rede social, tendo conseguido acionar vários órgãos no Brasil, abrindo um processo judicial. O suporte da família e os laços afetivos criados em território estrangeiro foram importantes para assegurar a sua permanência na mobilidade.

Com relação aos aspectos negativos do processo é frequente, na fala dos estudantes, os entraves burocráticos, especialmente no seu retorno à instituição de origem no que se refere ao aproveitamento de estudos. No caso da estudante Itália, o desenrolar dos acontecimentos na época do retorno foram muitos, e isso se reflete no seu discurso, no qual observamos que a experiência assumiu contornos mais complexos, e os transtornos administrativos acabaram solapando a sua vivência. O aproveitamento de créditos, por exemplo, só foi conseguido após a estudante acionar o Conselho Universitário, o que leva a discente a questionar o Projeto Político Pedagógico do curso de Bacharelado Interdisciplinar (BI):

Pelo regulamento do curso falar que nós somos autônomos na busca pelo conhecimento. Eu achei que isso foi meio contraditório (o não aproveitamento). No momento em que você vai e faz um intercâmbio, onde muitas pessoas gostariam de ir. E aí, você faz esse curso, estuda numa das melhores

universidades da Europa. Eu estudei um ano lá no curso de Medicina e quando você chega aqui não aproveita num Bacharelado Interdisciplinar de Saúde

De acordo com a estudante, foi marcante durante esse processo de luta pelo reconhecimento dos saberes adquiridos, ouvir de uma docente da instituição que o intercâmbio por si só já era o suficiente para sua experiência. Segundo ela, a professora em questão teria afirmado:

Que uma pessoa pobre e negra já tinha tido muito, né?![...] Porque ela dizer que eu não posso, que em um ano morando fora, seria demais para uma pessoa negra e pobre. E que eu jamais ia conseguir fazer isso com o meu dinheiro, porque provavelmente eu não teria dinheiro na vida pra ir na Europa, né?!

Apresentar trajetórias tão distintas e impactantes sobre a mobilidade internacional experienciada por estudantes negros da UFRB denota que, se de um lado esse elemento da internacionalização universitária apresenta potencial imenso para possíveis reformas acadêmicas e sociais, por outro, demonstram-se as fragilidades do processo no âmbito interno e administrativo.

No discurso dos discentes, o distanciamento da instituição nos trâmites do processo, desde a orientação acadêmica e, principalmente, ao acolhimento dessa vivência no retorno. São problemáticas assinaladas pelos intercambistas não se referem apenas ao aproveitamento de créditos e dos componentes, que vem a ser o “calcanhar de Aquiles” na maioria das instituições do ensino superior, mas ao fato de a mobilidade atuar de forma desconexa das demais missões, ao invés de proporcionar mecanismos de escuta e de integração.

Uma instituição socialmente referenciada, marcada por processos de ação afirmativa e permanência (material e simbólica) desses indivíduos, necessita pensar a construção do seu processo de internacionalização, desenvolvendo estratégias que assegurem a inserção desses sujeitos na dimensão internacional. Do mesmo modo, enfrentar os obstáculos administrativos que embargam a institucionalização da internacionalização, buscando-se um projeto coerente e inserido nas suas funções sociais.

Ao analisar por que internacionalizar é um elemento institucional relevante para a UFRB, que ainda enfrenta tantos outros desafios, pretende-se trazer à tona o papel da dimensão internacional para o processo de formação dos indivíduos para a sociedade contemporânea. Uma vez que as experiências transnacionais, mais do que uma resposta à globalização, apresentariam

uma resposta à sociedade, principalmente numa instituição que tem como lema o desenvolvimento regional do Recôncavo baiano.

### **Considerações finais**

Segundo Mello, Almeida e Ribeiro (2009), a universidade deve ser culturalmente engajada, comprometendo-se com a inclusão de grupos subalternizados nesse espaço de poder/saber. Nessa universidade socialmente nova, o papel da dimensão internacional é reconstruir um mundo novo, rompendo com a subordinação epistêmica e envolvendo-se com novos paradigmas de formação de sua elite intelectual a partir de uma lógica culturalmente comprometida com a sociedade.

Para os discentes da UFRB, a mobilidade internacional é percebida, de um lado, como um processo de formação transformador, por outro lado, muitos aspectos burocráticos mitigam essa experiência, tornando-a excludente para o público da instituição. Nesse sentido, é recorrente a observação da necessidade da criação de normativas e, acima de tudo, uma política institucional que guie a dimensão internacional na instituição para que ela se torne algo possível para muitos.

Os discursos dos sujeitos tendem a enfatizar os desafios inerentes a uma instituição recém-criada no interior baiano, possuindo um quadro de discentes com baixo poder aquisitivo. Nesse sentido, é preciso construir estratégias para inclusão destes sujeitos na internacionalização universitária, pois como nos lembra Santos e Almeida (2012), a dimensão internacional corresponde a quarta missão da universidade. Não podendo ser negligenciada, tampouco construída de forma excludente, logo, incluir os estudantes da UFRB em programas de internacionalização se constitui em mais um passo rumo ao desenvolvimento local e social.

Neste caso, é relevante compreender esta realidade e pensar na construção de um ambiente em que as ações de mobilidade (e de internacionalização) sejam inclusivas, pois corre-se o risco de praticar internacionalização como atividade quase que “decorativa” na instituição, notadamente para um público que, além de possuir domínio de uma língua estrangeira, possua poder aquisitivo para arcar com a permanência material e simbólica fora do país. Tais aspectos nos levam a refletir sobre o papel de uma universidade social, como a UFRB, que perpassa pela inclusão de grupos subalternos em espaços de poder.

## Referências

AMORIM, Marina Alves. **A Educação dos Brasileiros e o Estrangeiro: breve histórico da internacionalização dos estudos no Brasil**. *Brasiliana - Journal for Brazilian Studies*, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 44-65, set. 2012. ISSN 2245-4373. Disponível em: <http://ojs.statsbiblioteket.dk/index.php/bras/article/view/6294>. Acesso em: 13 de março de 2016.

CHAUÍ, M. **A universidade pública sob nova perspectiva**. Conferência de abertura da 26ª Reunião Anual da ANPED. Poços de Caldas, MG, 05 de outubro de 2003. *Revista Brasileira de Educação* set/out/nov./dez 2003 n° 24 pp. 5-15

KNIGHT, J. **Updating the Definition of Internationalization**. *International Higher Education*, n° 33. Fall, 2003. Disponível em: [http://www.bc.edu/bc\\_org/avp/soe/cihe/newsletter/News33/Newslet33.htm](http://www.bc.edu/bc_org/avp/soe/cihe/newsletter/News33/Newslet33.htm). Acesso em: Maio/2016.

MELLO, Alex Fiúza; ALMEIDA Filho, Naomar; RIBEIRO, Renato Janine. **Por uma universidade socialmente relevante**. Fórum Nacional de Educação Superior, Brasília 2009. Disponível em [http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/cne\\_alexfiuza.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/cne_alexfiuza.pdf). Acesso em maio de 2016.

MIURA, Irene K. **O processo de internacionalização da Universidade de São Paulo: um estudo de três áreas de conhecimento**. Tese de Livre Docência, São Paulo, FEA-RP, 2006.

PERKIN, Harold. *History of universities*. In: FOREST, James J.F.; ALTBACH, Philip G. (Orgs.). *International handbook of higher education*. Dordrecht (Netherlands): Springer, 2006. p. 159-205.

SANTOS, Fernando Seabra; ALMEIDA Filho, Naomar. **A Quarta Missão da Universidade. Internacionalização Universitária na Sociedade do Conhecimento**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2012.

STALLIVIERI, Luciane. **O processo de internacionalização das instituições de ensino superior**. Caxias do Sul, 2001.